O sítio e o crescimento de Lisboa

Orlando Ribeiro

Tradutor: José Braga

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/737>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.737

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Orlando Ribeiro, «O sítio e o crescimento de Lisboa», *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 junho 2013, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/737> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.737>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

O sítio e o crescimento de Lisboa

Orlando Ribeiro

Tradução : José Braga

NOTA DO EDITOR

Comunicação apresentada à *Association de Géographes Français* e publicada sob forma condensada no seu *Bulletin* (Paris, 1938); nova redação destinada ao Congresso Internacional de Geografia (Lisboa, 1949), mas mantida inédita.

Tradução elaborada a partir da versão presente em *Opúsculos Geográficos, V - Temas Urbanos*, (F.C.G., Lisboa, 1994, p. 29-37). As notas datam de 1963. Oferecemos neste mesmo número o texto original em francês.

Nota do Tradutor:

Orlando Ribeiro (1911-1997) foi o geógrafo português mais profícuo do século XX. Nasceu e formou-se em Ciências Histórico-Geográficas, em Lisboa. Pouco depois do doutoramento sobre uma montanha portuguesa *A Arrábida* (1935) foi nomeado Leitor de Português na Sorbonne, e aí foi discípulo de De Martonne e Demangeon, até 1940. A sua carreira como professor e investigador decorreu na Universidade de Lisboa, entre 1943 e 1981, onde fundou um importante Centro de Estudos Geográficos. A sua obra científica conta mais de 400 títulos, em áreas diversas da Geografia Humana, Física e Regional, e do Pensamento Geográfico.

O texto que agora se apresenta pela primeira vez em português resulta da comunicação «Le Cadre Géographique et l'Évolution de Lisbonne» apresentada à *Association de Géographes Français* (Paris, 1938). Uma nova redacção destinada ao XVI Congresso Internacional de Geografia (Lisboa, 1949) ficou inédita, e numa 2ª edição, em 1994, foi divulgado com notas de 1963. O texto é acompanhado de um mapa da região de Lisboa, transmitindo a posição da cidade, e de um esquema do sítio, para análise das linhas de crescimento da aglomeração.

Orlando Ribeiro aplica o método clássico de estudo em Geografia urbana que aperfeiçoara em França: a análise do «sítio e da posição» da cidade. Descreve as características geográficas de Lisboa: a sua localização e a sua evolução histórica.

Recorre aos aspectos físicos enquanto factores explicativos dos fenómenos. Compara Lisboa a Constantinopla e a Roma, enquadra-a na rede urbana nacional, insere-a na família de cidades mediterrâneas e recorda as suas funções de capital de um império ultramarino.

José Braga

Agradecemos à Prof.^a Doutora Nicole Devy-Vareta a cuidada revisão do texto.

- 1 Poucas grandes cidades beneficiam, como Lisboa, de uma implantação «predestinada» tanto pelo sítio como pela posição (Fig. 1). Num litoral muito pouco recortado, o seu porto beneficia do entalhe mais profundo e cujo acesso é mais fácil. As outras povoações costeiras abrigam-se em estuários assoreados ou atrás de cordões arenosos que apenas permitem a presença de canais instáveis onde é necessário manter cuidadosamente as profundidades favoráveis à navegação. No «gargalo» que dá acesso ao «estuário» do Tejo, vasto como um mar interior, as profundidades (máximo 48 m) são suficientes para permitir às maiores embarcações acostar. As correntes de maré varrem este corredor, enquanto as aluviões transportadas pelo rio se depositam num verdadeiro delta interior e as vasas colmatam as reentrâncias da margem oposta a Lisboa. Do lado da cidade, linhas de colinas ou faixas de planaltos aproximam-se da costa. O núcleo primitivo da aglomeração está situado precisamente sobre a colina com declives mais íngremes, na vertente sul cuja base era banhada pelas águas do Tejo antes da construção dos aterros que se iniciou no século XIV. Lisboa é assim o último exemplo ocidental de um sítio mediterrâneo típico, combinando as vantagens de uma baía abrigada do vento do largo e de um relevo fácil de defender, a partir do qual se pode vigiar o porto.
- 2 A região de Lisboa é uma bacia sinclinal ocupada em parte pelo estuário do Tejo; para Norte, esta bacia termina através de uma bela costa miocénica, que segue uma ribeira subsequente; para Sul, o terreno eleva-se para formar a cadeia terciária da Arrábida que se vislumbra no horizonte da cidade.
- 3 No interior desta bacia, os estratos, que vão do Cretácico ao Mioceno, foram deslocados por alguns abaulamentos anticlinais, por falhas e flexuras que orientam um relevo exumado dos seus elementos brandos. Contudo a parte ocupada pelo centro da cidade apresenta uma estrutura monoclinal, com os estratos mergulhando em direção ao Tejo. É possível reconstituir alguns elementos, conservados pelos 90-110 metros de altitude, de uma superfície nivelada (provavelmente do Plioceno final) e entalhada por uma série de vales consequentes perpendiculares à costa. Devido à proximidade do nível de base, as ribeiras encaixaram-se nesta superfície, diminuindo a profundidade dos vales rapidamente para montante, de tal forma que a área apresenta, na margem do Tejo, uma alternância de sulcos profundos e de colinas alongadas que se fundem no interior para formar um planalto levemente ondulado. Os declives são bastante fortes e as partes do planalto constituídas por rocha dura (molasso calcário) formam cornijas no alto das vertentes.

Figura 1: A posição de Lisboa na embocadura do Tejo

Altitude: 1. menos de 25 metros, 2. Entre 25 e 200 m, 3. Entre 200 e 400 m, 4. mais de 400 m; 5. Estradas principais e vias férreas; 6. Limite da aglomeração urbana.

- 4 Estes contrastes de relevo tiveram no desenvolvimento de Lisboa uma influência decisiva (Fig. 2). O velho *oppidum* pré- romano estabeleceu-se sobre um retalho circular de planalto, no local mais fácil de defender e mais próximo do Tejo. Sabe-se muito pouco acerca da cidade romana (*Olisippo*) cujos vestígios arqueológicos permitem supor que extravasava a cerca da alta Idade Média. Esta mesma cerca marca provavelmente uma fase de regressão na vida urbana, após o desenvolvimento da época romana. No início do século XII, a cidade árabe (*Lichbouna*) abrigava-se atrás de fortes muralhas e era coroada por um castelo construído com calcários amarelados extraídos do planalto sobre o qual se levanta. Este núcleo fortificado estava estabelecido na vertente que descia para o Tejo, enquanto os arrabaldes se espalhavam para Este e Oeste. Pode-se reconhecer, no traçado tortuoso das ruelas e dos becos, a planta típica das cidades muçulmanas. Esta planta sobreviveu até aos nossos dias em alguns bairros onde a reconstrução, após o tremor de terra de 1755, respeitou a implantação das casas arruinadas.

Figura 2: Esquema do sítio genético de Lisboa

Esquema do sítio genético de Lisboa. A velha povoação estendeu-se primeiro pela vertente meridional da colina do castelo; depois a Baixa estruturou-se no vale situado a oeste, entre a Ribeira e o Rossio; a expansão às outras colinas é mais recente e é feita sobretudo a partir das igrejas conventuais.

- 5 Pouco após a conquista portuguesa, Lisboa torna-se capital (século XIII). No final da Idade Média, os seus trabalhadores agrupam-se em corporações, o seu porto abriga embarcações que se podem contar por centenas, o comércio do centro e do sul do país faz-se em grande parte pelo estuário do Tejo, rico em peixe, com regular regime de marés, facilmente navegável, e a partir do qual se pode alcançar, através de rotas naturais, o interior do país. Em torno de Lisboa estendem-se solos bastante férteis provenientes da alteração das argilas e margas miocénicas e do manto basáltico, estes últimos de uma fertilidade proverbial para a produção do trigo. Uma agricultura minuciosa que ostenta a marca árabe, com um sábio sistema de irrigação ainda em uso, alimentava a população já numerosa da cidade. Cedo esta extravasa as muralhas para se propagar ao exterior, em numerosos arrabaldes constituídos em torno de conventos ou igrejas (do século XII ao XIV), quase sempre empoleirados nas elevações. Contudo, o desenvolvimento de Lisboa não se fez em auréolas concêntricas, como uma mancha de óleo que se expande, mas ao longo de linhas de colinas, separadas por vales cujas aluviões suportavam culturas irrigadas; as poucas colinas mais íngremes estavam, mesmo no centro da cidade, cobertas de oliveiras. De tal forma que Lisboa apresentava o curioso fenómeno da penetração da vida rural mesmo no coração da cidade e de um imbricamento de aspetos urbanos e campestres na periferia, a ponto de não se poder dizer, por vezes, se ainda se estava na cidade ou se já se tinha saído dela. Estes testemunhos do campo são hoje ilhéus cada vez mais pequenos, perdidos num oceano de casas, mas as velhas gravuras e as descrições dos autores são bastante expressivas a este respeito. A toponímia das ruas guarda ainda a recordação das árvores, das vinhas ou das culturas hortícolas que substituíram. Nos nossos dias pode-se citar o exemplo

análogo de dois novos bairros (Alto do Pina, Alto de São João) cujos blocos de imóveis dominam um vale pitoresco que conserva ainda a sua fisionomia campestre.

- 6 Outra linha de crescimento é marcada pela margem do estuário. Aí a vida marítima foi sempre intensa. É a oeste da colina do castelo, na *Baixa*, bairro que ocupa o fundo de um vale desembocando no Tejo, que, desde o século XV, se acumulam as atividades urbanas: comércio, banca, ministérios, serviços administrativos, distrações, que se concentram cada vez mais nesta espécie de *City*. Em alguns minutos podem-se alcançar os cais que se repartem ao longo da costa, onde desembarcam homens e mercadorias. É para este bairro buliçoso que o rei D. Manuel, no tempo das Descobertas, transferiu a sua residência, até aí alcandorada na colina do castelo. Esta construção opulenta, batida pelas ondas, com varandas dando para o Tejo, era tanto um palácio, como uma alfândega e um armazém, onde se acumulavam as riquezas da Índia que o Rei, primeiro comerciante dos seus Estados, mantinha vigiadas. A cidade não é mais a capital de um pequeno país de camponeses, mas um centro cosmopolita, cruzamento das rotas do Oceano e do Mediterrâneo, onde os estrangeiros, atraídos pelo comércio, são tão numerosos, no dizer de um escritor da época, que aí se encontra sempre alguém de qualquer país. Todos os bairros que se desenvolvem ao longo do rio têm o cunho do porto: bairros de negros, de marinheiros, dos *Ingleses* – nome que designa para o povo o conjunto dos estrangeiros—, de pescadores, de vendedoras de peixe, todos gentes que vivem em contato com o mar ou que chegam por via marítima. Lisboa, com os seus 100 000 habitantes, encontra-se entre as cidades célebres da Europa: a lenda enobrece-a atribuindo-lhe Ulisses como fundador; como Roma, foi construída sobre sete colinas, como Constantinopla, contempla um mar interior. No momento em que as relações comerciais se viram para os portos do atlântico e do Mar do Norte, tem-se gosto em aproximá-la das outras velhas cidades mediterrâneas, dotando assim esta capital de uma auréola de nobreza e prestígio antigos. Os monumentos, palácios, igrejas aí se multiplicam. Esta prosperidade não durou muito tempo, mas a sua marca foi tão profunda que ainda se encontram os seus traços um pouco por todo o lado.
- 7 O período de D. João V e o de Pombal, após o grande tremor de terra de 1755, marca melhoramentos e modificações muito consideráveis, mas os elementos essenciais da morfologia urbana estavam já fixados. Na *Baixa*, onde o que restava das casas afetadas pelo sismo foi demolido a tiros de canhão, o traçado das ruas mudou. Contudo as grandes praças do século XV existem ainda: a Praça do Comércio, que se abre para o Tejo como uma espécie de entrada simbólica de Lisboa, e o Rossio, verdadeiro cruzamento urbano situado mais no interior, de onde partiam outrora todas as linhas de transporte e onde conduziam as vias férreas que ligavam a cidade a três quartos do país ¹. Entre as duas praças, no fundo plano do vale, desenvolve-se a estrutura pombalina, ortogonal, de uma regularidade monótona, que substitui as velhas ruelas tortuosas. Tanto a Este como a Oeste o solo sobe até ao topo das colinas; ao norte do Rossio, o vale bifurca-se em Y, e ao longo dos dois ramos, avenidas, que retomaram em parte o traçado de antigos caminhos rurais, conduzem aos bairros periféricos.
- 8 Como por todo o lado, a segunda metade do século XIX marca o início de uma importante fase de crescimento que ainda se mantém. As manchas rurais que tínhamos assinalado no próprio centro da cidade cobrem-se de casas e só restam delas alguns testemunhos nos declives mais íngremes. Novos bairros estendem-se para o Norte, onde os planaltos são menos entalhados pelas ribeiras, o que permite o desenvolvimento de uma planta regular (*Avenidas Novas*). Alargam-se ruas estreitas,

demolem-se velhos imóveis, retificam-se vias tortuosas, abrem-se largas avenidas, convertem-se espaços vazios em parques e em jardins. Os moinhos de vento que coroavam as elevações, as *hortas* (culturas hortícolas) com o seu sábio sistema de irrigação, as vinhas, os olivais e os campos de cereais, desaparecem sob um manto uniforme de ruas e casas. O camponês faz-se operário ou refugia-se mais longe, recuando perante esta transgressão urbana. Ao mesmo tempo, a aceleração dos meios de transporte modifica as relações da cidade com algumas povoações dos arredores. As quintas e as casas de campo onde se passava o verão tornam-se pouco a pouco lugares de residência permanente. O solo valoriza-se ao longo das linhas das carreiras que permitem alcançar em 30 ou 40 minutos o centro de Lisboa ². Observam-se assim estas propriedades tão sabiamente organizadas, que integravam um jardim de recreio e uma exploração agrícola, fragmentarem-se em loteamentos. Algumas aldeias dos arredores urbanizam-se por sua vez e ligam-se definitivamente à cidade. Contudo o campo mantém os seus direitos. Mesmo no interior dos limites administrativos de Lisboa que encerram 8.250 hectares, tal como entre os 5 ou 6 tentáculos que prolongam a área urbana para lá dos seus limites, subsistem lugarejos de camponeses, velhas casas rurais decadentes, instalações agrícolas um pouco à margem, recantos perdidos que conservam o ritmo lento de uma vida rotineira. É ainda a penetração da paisagem rural e da paisagem urbana que já havíamos assinalado como um aspeto característico da velha Lisboa. Como outrora, o relevo tem o seu papel neste contraste, mas a sua influência faz-se sentir em sentido inverso: já não são mais as colinas mas os vales que atraem o povoamento. Esta inversão é também fácil de compreender. Na cidade construía-se nos terrenos menos férteis das elevações poupando os vales com solo rico. Na periferia, são precisamente os vales, explorados de uma forma mais intensiva, que determinaram a fixação dos homens e o traçado dos caminhos, elementos que, por seu turno, guiaram o crescimento urbano.

- 9 No fim do século XIX, procedeu-se a importantes trabalhos de ordenamento do porto ganhando terreno ao rio. Numa extensão de mais de 12 km, estendem-se os estaleiros, os cais, as docas especializadas: barcos de pesca, grandes paquetes, linhas ultramarinas, cabotagem no interior do estuário, marinha de guerra, etc. Apesar da sua extensão o conjunto das instalações do porto está no limite do suficiente para as necessidades da navegação atual. Foi necessário transferir para a margem sul o arsenal e uma parte dos depósitos e estaleiros de construção naval. Os bairros de residência que, no passado, alinhavam na margem do Tejo as fachadas aristocráticas dos seus palácios e dos seus conventos, encontram-se hoje separados do rio pela fileira de instalações industriais que acompanhou o desenvolvimento do porto. Aí instala-se também uma população de estivadores, operários, marinheiros, pescadores, vendedores de peixe, habitando no meio das fábricas, depósitos e armazéns, e que, ao amanhecer, descem aos cais vizinhos para aí procurar trabalho. A vida industrial, que raramente se vê estabelecer na periferia não marítima de Lisboa, propaga-se sobretudo ao longo da margem do Tejo, atraída pelo porto; mesmo as indústrias que não dependem dele também aí se estabeleceram. Algumas sobem o rio até Vila Franca de Xira, outras transbordaram para a margem sul, onde a maior aglomeração dos arredores de Lisboa deve a sua importância às fábricas e aos numerosos operários que aí trabalham (Barreiro, 16.000 habitantes).
- 10 Para lá dos seus limites administrativos, a cidade prossegue também ao longo do Tejo. A montante, os estabelecimentos industriais estabelecem-se no meio de culturas hortícolas, que aniquilam ou que empurram para mais longe. A jusante, para o

Atlântico, na parte chamada desde há alguns anos *Costa do Sol*, sucedem-se praias ensolaradas, abrigadas dos ventos do Norte, que recebem no verão a população citadina abastada. Estão todas ligadas, por comboios rápidos e frequentes, a uma estação situada não longe do centro da cidade. Já várias estações de veraneio se transformam em moradas permanentes. Até Cascais, em plena costa atlântica, num percurso de 26 km, avistam-se sempre casas e não se tem a impressão de ter deixado a cidade. Mas caso se observe do alto das colinas da margem sul, vê-se que esta fileira de casas quase não se prolonga para o interior. O fato tinha já ocorrido a Link que, no início do século XIX, descrevia a parte oeste de Lisboa como uma espécie de longa rua paralela ao litoral. Para o interior, o campo desarborizado, onde se cultivam cereais alternando com leguminosas, estende-se sobre os solos avermelhados provenientes da alteração dos basaltos ou sobre os afloramentos mais pobres de argilas ou margas miocénicas.

- 11 As modificações da paisagem dos arredores que acabámos de resumir, registam o aumento da população da cidade. Em 1840, Lisboa contava 192.000 habitantes; em 1864, 198.000; 1890, 290.000; em 1911, 435.000; em 1930, 594.000, o que corresponde a um décimo da população portuguesa ³. O aumento seguiu um ritmo diferente conforme os bairros. A Baixa e os seus arrabaldes, centro de negócios, da administração e de lazer, buliçosa durante o dia, fica despovoada à noite. Os escritórios, os bancos, os cafés, os armazéns, deixam pouco espaço aos apartamentos: desde há 50 anos a sua população está estagnada ou diminui. Em redor do que era Lisboa até meados do século XIX, os aumentos são em geral inferiores a 50%; na periferia, o crescimento é enorme (mais de 200%); no bairro das Avenidas Novas mais de 1.000%.
- 12 Como explicar esta força de crescimento, este poderoso impulso, num país que tem apenas duas cidades com mais de 50.000 habitantes? ⁴ Para isso contribuem primeiro as funções de capital que Lisboa exerce em toda a sua plenitude. A administração, as escolas e os estabelecimentos científicos, os museus, os teatros, as distrações, marcam um profundo contraste com as cidades de província. Lisboa é ao mesmo tempo o maior centro de comércio, da banca e da indústria e o maior porto marítimo. Possui tanto uma mão-de-obra abundante e hábil, uma população de marinheiros e pescadores, como um campesinato vigoroso ainda que rotineiro.
- 13 Para compreender as funções geográficas de Lisboa, é necessário colocar a cidade num quadro mais vasto que o de um país de 6 milhões de habitantes cuja população cresce rapidamente. Até ao século XV Lisboa foi somente uma cidade portuguesa. Na época das Grandes Descobertas, tornou-se um porto de mar ligado para sempre às grandes correntes de circulação oceânica. Assim, a posição de Lisboa explica o seu destino: situada num cotovelo do litoral europeu, próximo tanto do Mediterrâneo, do Mar do Norte e da África Ocidental, contemplando também a América, Lisboa oferece o acesso fácil do seu imenso estuário aos barcos de todos os países que, sulcando em todos os sentidos o mar vizinho, transportam, desde o século XVI, os produtos de todos os climas.

- 14 Orlando Ribeiro

BIBLIOGRAFIA

Alguns textos de Orlando Ribeiro sobre Lisboa:

Ribeiro, Orlando (1938) «Le site et la croissance de Lisbonne», *Bulletin de l'Association de Géographes Français*, Paris, 115, 99-103.

Ribeiro, Orlando (1945) «Evolução e perspectivas dos Estudos Olisiponenses», *Revista Municipal*, Lisboa, Publicação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, 27, 3-12.

Ribeiro, Orlando (1947) «O Território de Lisboa», in VVAA, *Lisboa. Oito séculos de História*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, vol. 1., 2-11.

Ribeiro, Orlando (1955) «Em torno da estrutura de Lisboa», *Diário Popular*, Lisboa, 29 de Agosto de 1955.

Ribeiro, Orlando (1986) «Lisboa e o Tejo. (Fragmento de um livro em preparação sobre Lisboa)», Cinquentenário do Grupo Amigos de Lisboa, 1936-1986, *Olisipo*, Lisboa, 149, 49-54.

Ribeiro, Orlando (1994) *Opúsculos Geográficos V - Temas Urbanos*, Lisboa, F. C. G.

(Este volume colige os escritos do autor sobre Geografia urbana, incluindo os artigos referidos).

Alguns estudos sobre Orlando Ribeiro:

Braga, José (2012) *Geografia de Lisboa Segundo Orlando Ribeiro*, Dissertação de Mestrado em História e Filosofia da Ciência apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Garcia, João Carlos (1992) «As cidades na Obra de Orlando Ribeiro» *Penélope*, Lisboa 7, 107-116.

Garcia, João Carlos (1998) «Orlando Ribeiro (1911-1997), o Mundo à sua Procura» *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto- Geografia*, Porto, XIV, 107-116

Gaspar, Jorge (2008) «Orlando Ribeiro e Lisboa Locais de Vida e de Memória»

NOTAS

1. Apenas recentemente foi necessário multiplicar os pontos de partida e chegada da circulação [1963].
2. Hoje as carreiras foram suprimidas do centro da cidade e o metro assegura a correspondência com os que se deslocam para a periferia. Um serviço de autocarro serve praticamente todas as vilas e lugares dos arredores. A tendência indicada apenas se acentua [1963].
3. Em 1960, 817.000 habitantes [1963].
4. Porto, chamada a justo título a capital do Norte, no centro de uma região sobrepovoada, tem 232.000 habitantes; passa-se depois para cifras muito baixas: Setúbal, 46.000; Coimbra, 27.000 (dados de 1930).

ÍNDICE

Índice geográfico: Lisboa